

O vírus e as palavras — A AIDS reconfigurou corpos, narrativas e o tempo



Por FRANCISCO DE OLIVEIRA BARROS JÚNIOR*

Mais de quatro décadas depois, a sombra da AIDS persiste não como uma sentença, mas como um espelho inquietante de nossos medos, estigmas e da complexa relação entre corpo, arte e sociedade

O calendário ainda registra: primeiro de dezembro é o dia mundial da luta contra a AIDS. Mais de quatro décadas, vivendo na sociedade de risco, evoco uma peça publicitária de outrora: “se você não se cuidar, a AIDS vai te pegar”. Saltos qualitativos foram observados na prevenção e no processo terapêutico. Podemos afirmar que ela se tornou crônica? A chapeuzinho vermelho segue amarelando com os seus medos ancestrais. Em 2025, vivemos com HIV/AIDS em outros patamares, mas ela persiste nos nossos desassossegos cotidianos. Contar que é soropositivo, nos dias de hoje, é uma confissão menos turbulenta? Quais questões a AIDS recoloca para os nossos incertos tempos?

Nossos corpos dariam um romance. O corpo de José Leonilson deu um filme. Ele e Herbert Daniel, escritor de *Meu corpo daria um romance*, subjetivaram, na companhia das letras e da arte, o prazer com risco de vida, cantado pelo Cazuza. Em “risco de vida”, da dramaturgia teatral de Alberto Guzik, dois de seus desejantes personagens literários afirmaram: “viver é o maior barato”. “Viver faz mal à saúde”. Na contraluz literária, assim vivíamos e vivemos agora. Riscos para todos, todas e todos.

A AIDS faz parte dos nossos shows cotidianos? Na segunda metade dos anos 1990, participei de conversa sobre o seguinte tema: “olha a cara dela. A AIDS não é mais aquela”. E hoje, no ano de 2025? Qual a nova faceta da “peste gay” dos “aidéticos” nos primórdios dos anos 1980? Qual a nova imagem da estigmatizante pandemia daquela conjuntura histórica? A doença mudou o seu perfil epidemiológico. Como estamos vivendo agora? Os medos medievais seguem nos dias de hoje, na sociedade de riscos e incertezas. E o uso das camisínhas masculinas e femininas? Esta última é usada pelas mulheres atuais? Perguntas disparadas com a leitura de *A paixão de JL* (2015), filme de Carlos Nader.

Como a AIDS se espalhou entre os diversos grupos populacionais, os impactos socioeconômicos por ela gerados, a resposta da sociedade civil organizada, através das suas organizações não governamentais e as políticas públicas direcionadas à enfermidade focalizada, são capítulos de uma história social da doença. A AIDS é exemplar para quem afirma: “um vírus só não faz doença”. Esta é alvo de construções sociais, práticas discursivas e produções de sentido. Os desdobramentos subjetivos do adoecer geram textos literários, filmicos, musicais e teatrais. Narrativas falantes dos múltiplos ais das nossas existências.

“Ser gay hoje em dia é a mesma coisa que ser judeu na Segunda Guerra Mundial”. Afirmação feita pelo artista visual José Leonilson em seu diário íntimo, gravado em fitas cassete entre os anos de 1990 e 1993. Sonhos, memórias e ficções pessoais no ensaio poético de quem subjetivou a AIDS no seu trabalho artístico. Os perigosos, os *outsiders*, os discriminados, as vítimas de preconceitos e estigmatizações históricas foram citados nas suas criações artísticas: aidéticos, homossexuais, mulheres, ciganos, comunistas, negros, judeus, aleijados. Um “José Lasaro”, um Jó arteiro, dá visualidade aos excluídos e oprimidos de uma história das dominações. Na crueldade da experiência com a praga evocativa da lepra

bíblica, Leonilson questiona as razões do seu infortúnio: “Eu não fiz nada pra merecer isso, sabe”.

Nos anos 1990, sexo seguro, prevenção, drogas, adolescentes, mulheres, apoio psicológico aos portadores e um viva a vida eram termos e expressões de referência bibliográfica em tempos de AIDS. Hervé Guibert, partindo da sua própria experiência com a doença, escreveu o seu “protocolo da compaixão”. A Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) e o Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS-UERJ) publicaram a história social da AIDS no Brasil e no mundo. Caio Fernando Abreu nas suas “pequenas epifanias” e cartas escritas do leito hospitalar.

Do prédio do Emílio Ribas paulistano, ele via as catacumbas cemiteriais do outro lado da avenida. No cinema, a voz operística de Maria Callas em cena dramática de *Philadelphia*. Em outros tons, a comédia musical *Paciente Zero. As Horas*, livro de Michael Cunningham, ganhou versão cinematográfica. Entre os cineastas, exalto o polêmico e provocador Derek Jarman, o criador de *Sebastiane*, *Eduardo II* e *Blue*.

AIDS e suas metáforas na companhia das letras de Susan Sontag. Bibliografia reforçada com *Estigma*, de Erving Goffman. Histórias da AIDS nas páginas literárias, telas filmicas e composições musicais. O ponto de vista das ciências humanas é destacado com a “sociologia de uma epidemia”, produzida por Michael Pollak. “A literatura (des)construindo a AIDS” nas “histórias positivas” pesquisadas por Marcelo Secron Bessa.

***Francisco de Oliveira Barros Júnior** é professor aposentado do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[**CONTRIBUA**](#)